Revista de Estudos em Relações Interétnicas

Capitalismo nas aldeias indígenas: repercussões em pesca, caça e alimentação do povo Baniwa em São Gabriel da Cachoeira – Amazonas.

Capitalism in indigenous villages: repercussions on fishing, hunting and feeding of the Baniwa people in São Gabriel da Cachoeira – Amazonas.

DOI: 10.26512/interethnica.v22i1.20906

Franklin Paulo Eduardo da Silva[1]
Universidade de Brasília
e-mail: frankbaniwa@hotmail.com

Resumo: O presente texto discute a inserção da lógica capitalista nas aldeias indígenas, especialmente, com repercussões na pesca, caça e alimentação do povo Baniwa, na região do município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas. O objetivo é apresentar situações contemporâneas relacionadas as preferências técnicas e matérias industrializados de pesca e caça, manejo das áreas e consumo de alimentos industrializados em aldeias. O estudo partiu da hipótese de que nas últimas décadas, as comunidades baniwa vêm enfrentando forte e inevitável crescimento e expansão do capitalismo associado a intensificação das relações interétnicas. Seus impactos nos modos tradicionais de subsistências e da gestão territorial são igualmente fortes e crescentes. A discussão destes assuntos se divide em três partes: a primeira trata da apresentação dos modos tradicionais de vida dos ancestrais, as mudanças ocasionadas e as tendências; a segunda parte apresenta o processo de aprendizagem em pesca e caça, as comparações de pescados em décadas diferentes e participações baniwa no mercado de trabalho e nos programas de transferências de rendas; a terceira discute situações atuais de pesca, caça, alimentação e as tendências para o futuro. E por fim, a conclusão, que é opinativa em relação ao que deve ser feito par evitar que as situações críticas nessas áreas avancem descontroladamente. Assim que está sendo discutido o tema deste artigo.
Palavras-chaves: Baniwa. Indígena. Alimentação. Pesca e caça. Amazônia.

Abstract: This paper discusses the coming of the logic of the capitalism in indigenous villages, especially with repercussions on fishing, hunting and feeding of the Baniwa people in São Gabriel da Cachoeira, Amazonas. The objective is to present contemporary situations related to technical preferences and industrialized materials of fishing and hunting, management of areas and consumption of processed foods in villages. The study was stimulated by the hypothesis that in the last decades Baniwa communities have been facing strong and inevitable growth and expansion of capitalism associated with the intensification of interethnic relations. Its impacts on traditional modes of livelihoods and territorial management are equally strong and increasing. The

[1] Indígena da etnia Baniwa, Doutorando em antropologia no Departamento de Antropologia do Instituto de Ciências da Universidade de Brasília (UnB)

discussion of these subjects is divided in three parts: the first deals with the presentation of the traditional ways of life of the ancestors, the changes caused and the tendencies; the second part presents the learning process in fishing and hunting, comparisons of fish in different decades and Baniwa participations in the labor market and in the income transfer programs; the third discusses current situations of fishing, hunting, feeding and trends for the future. And finally, the conclusion, which is opinionated about what must be done to prevent critical situations in these areas from advancing wildly. So the topic of this article is being discussed.
Keywords: Baniwa. Indigenous. Food. Fishing and Hunting. Amazon.

Introdução

Nos tempos dos ancestrais, os Baniwa viviam apenas dos próprios conhecimentos (sabedorias, políticas, técnicas, religião e mitologias) e dos recursos naturais: rios, igarapés, lagos, igapós, florestas, terras, frutas silvestres, plantas cultivadas, caça, peixes, aves e demais recursos da natureza. A base de sobrevivência era a agricultura, sobretudo, da mandioca, da qual derivavam diversificados produtos para alimentação. A complementação da alimentação vinha da pesca, caça e frutas nativas. A rotina cotidiana dos Baniwa girava em torno ou em meio a estes três eixos de subsistências: a agricultura; pesca e caça e a coleta de frutas nativas. Esse sistema já remoto de vida dos Baniwa levava à dependência direta e interrupta da natureza (incluindo todos os recursos que nela existem).

Nos rios, igarapés e lagos pescavam peixes, répteis e quelônios suficientes apenas para se alimentarem no dia a dia. Por isso, cuidavam dos rios, lagos, igarapés e igapós, mantendo-os protegidos dos invasores ou das pescas predatórias. Cada indivíduo, cada família e cada aldeia cuidavam desses lugares como se fossem de suas propriedades particulares. *"[...]. Es una zona de selva [...] bien preservada [...]"* (ROBERT & KATZ, 2010, p. 371). Para eficiência efetiva desse controle, cada etnia, povo e o clã tinha seu território tradicional, território de seu domínio para pesca, caça e desenvolvimento de atividades de subsistências. *"O território de uma comunidade inclui áreas de posse dos grupos domésticos (roças, quintais e capoeiras produtivas), áreas apropriadas pelos grupos patrilineares e patrilocais (capoeiras) e áreas de usufruto comum [...]"* (ELOY & LASMAR, 2011, p. 94). Esta dependência direta dos recursos naturais exigia dos indivíduos a aprendizagem e conhecimentos das técnicas e métodos de desenvolvimento adequado de todas as atividades de subsistência, entre outras, a pesca e caça. Aprendiam a pescar e caçar animais suficientes apenas para consumo no dia. As técnicas e materiais de pesca e caça que fabricavam e usavam eram adequados e não destruíam habitats dos peixes e caças. Eles preservavam os locais de reprodução de peixes e caças, considerados, locais sagrados.

Das florestas retiravam madeiras para construção de casas, canoa, remo (meio de transporte), coletavam frutas: açaí, patauá, bacaba, buriti, ukuki e outras frutas das florestas. *"Existen más de 160 espécies de palmeras en Amazonia y, entre ellas, menos de 30 tienen usos alimentarios"* (KAHN, 1996 apud ROBERT & KATZ, 2010, p. 373). Retiravam também plantas medicinais, remédios para

ser bom pescador, bom caçador e outros medicamentos, além das folhas de palmeiras (caranã, piaçava) para fazer cobertura de suas casas. Da mesma forma que cuidavam dos rios, lagos e igarapé, cuidavam das florestas pelas plantas e madeiras.

Em solos faziam suas roças para plantar diferentes tipos de plantas cultiváveis. Suas atividades agrícolas se baseavam, principalmente, no cultivo da diversidade da mandioca brava, banana, pimenta, cará, batata-doce. *"[...]. La yuca, de la cual existen numerosas variedades, es el ejemplo más conocido de las plantas domesticadas em Amazonia"* (KATZ, et al, 2009, p.98) Sua alimentação se baseava em produtos da roça, principalmente, da mandioca da qual se produzem farinha, beiju, goma, farinha de tapioca e outros produtos derivados da mandioca.

Esta forma de viver exigia dos indivíduos conhecerem os rituais, técnicas de plantios, colheitas, calendário tradicional de agricultura, conhecimento das classes de solos, tipos de matas e outras sabedorias importantes para a prática contínua da agricultura. Segundo Sunny Petiza Cordeiro Bentes (2011, p.22) *"[...]. Na cultura tradicional Baniwa, a importância de saber trançar cestos é praticamente um atestado de como sobreviver no mundo, pois é através destes cestos que as mulheres conseguem processar a mandioca, base da alimentação destes povos"*. Como dependiam apenas dos recursos naturais, naturalmente, manejavam usos de todos os recursos que nela existem. *"Las practicas agrícolas y, en forma general, el manejo tradicional de ambiente..."* (ROBERT & KATZ, 2010, 372). O manejo se dava nas práticas em todos os aspectos ambientais dos territórios.

Atualmente, as práticas e as formas tradicionais de viver dos Baniwa não são mais as mesmas. Segundo Clarice Cohn (2001, p.37), *"[...]. A cultura não deve se manter em uma suposta integridade; o que deve ser preservada é sua diferenciação em relação às outras, são as fronteiras, e essas são traçadas por elementos que têm origem cultural, mas são escolhidos em contexto"*. É natural que ocorram as mudanças nas culturas, tradições, línguas e demais aspectos sociais humanos ao longo dos tempos. Mas, quando estas mudanças não convêm com o bem-estar social causam preocupações e devem ser investigadas, discutidas e analisadas para que a sociedade não corra o risco de enfrentar problemas irreversíveis no futuro. *"A mudança dos hábitos alimentares e o desafio de assegurar uma alimentação saudável são preocupações recorrentes entre os índios [...]"*. (COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO, 2016). A alimentação é um dos exemplos de mudanças aceleradas entre os Baniwa. A realidade é crítica em suficiência, qualidade e a variedade nutricional. Isso ocorre pelas diversas situações, entre as quais, se destacam as influências de outras culturas; aumento da população; mudança no sistema de organização social; práticas descontroladas de pesca e caça; uso inconsciente dos recursos florestais e dos solos; expansão e aumento da cultura de comercialização de produtos e mudanças comportamentais e atitudinais. Poderia ser analisada e discutida cada questão, mas aqui a concentração será nas repercussões do capitalismo na pesca, caça e alimentação.

A inclusão de análise e discussão da alimentação aqui, visam demostrar o crescimento acelerado de consumo de alimentos industrializados entre os Baniwa. Não que isso seja ruim, mas que esse aumento acelerado é a consequência de pesca e caça descontrolada e da influência do capitalismo nas aldeias. As gerações passadas dos Baniwa consumiam alimentos naturais: peixe; caça; frutas silvestres e cultivadas sem misturas com produtos químicos ou qualquer tipo de mistura artificial que poderia prejudicar a sua saúde. *"[...]. En resumen, los alimentos proteicos locales están disminuyendo, así como el número de variedades de plantas cultivadas muestras que los feculentos locales están reemplazados por feculentos producidos en el modelo del agro-budines"* (KATZ, et al, 2008, p.101). A introdução de alimentos industrializados nas comunidades é visível e preocupa lideranças das comunidades, pesquisadores, profissionais da saúde.

São produtos diferentes do que os Baniwa são acostumados: arroz, feijão, macarrão, açúcar, sal, refrigerante, biscoito, frango e outros. *"[...]. Al mismo tiempo, alimentos producidos por la agroindustria del sur del país (arroz, pollo congelado...) están penetrando no solo las ciudades sino también las zonas forestares de Amazonia"* (ERIKSO, 1998; ELOY, 2006 apud ROBERT & KATZ, 2009, p.28). Dadas as preferências para estes produtos, por facilidade de aquisição em relação aos peixes e caça, os quais são necessários serem pescados e caçados, além de haver escassez de alguns animais. Essas são repercussões do capitalismo em aldeias, pois cada vez mais os povos estão envolvidos em culturas ocidentais, em outras palavras, em culturas capitalistas e globais. Segundo Richelly de Nazaré Lima da Costa e Luís Mauro Santos Silva (2017, p.2),

> [...] Diante da diminuição de seus territórios, instabilidade da garantia dos direitos e transformação de seus princípios produtivos, a necessidade de procura por comércios locais se torna mais significativo e as atividades básicas de subsistência se inclinam fortemente ao abandono, favorecendo assim um consumo crescente de alimentos industrializados [...].

Isso quer dizer aumento de apropriação e consumo de produtos industrializados e tecnológicos da globalização e do capitalismo. A cada ano, os Baniwa adentram em aldeias as novidades tecnológicas, aumentam o consumo de produtos industrializados e intensificam descontroladamente a pesca e a caça. O resultado de análise destas situações que está sendo apresentado, surpreende e preocupa do ponto de vista de equilíbrio social, ambiental e econômico. A cada ano cresce e expande a cultura capitalista nas aldeias e consequentemente a aquisição de materiais tecnológicos de pesca e caça não indígena, assim como aumento de aquisição e consumo de alimentos industrializados. Esse processo, de modo geral, é visto como "desenvolvimento" social e econômico das comunidades, mas, na verdade, traz consequências preocupantes, como a escassez de peixes e animais de caça que reforçam a corrida para alimentos industrializados. E o consumo desequilibrado de alimentos industrializados acarreta outras consequências, como problema à saúde: diabete, pressão alta, verminoses e outras que antes não eram frequentes. Segundo Richelly de Nazaré

Lima da Costa e Luís Mauro Santos Silva (ROCHE et. al., 2011apud COSTA; SILVA, 2017, p.2),

> O crescente índice de casos de indígenas acometidos de Hipertensão, Diabetes Mellitus, Sobrepeso e Dislipidemias repercutem demasiada preocupação e aponta para uma reflexão sobre o estado de vulnerabilidade nutricional destes indivíduos e, consequentemente, direciona estudos sobre a importância desta temática tão contemporânea.

Essa situação indica que no futuro próximo pode haver desequilíbrio ambiental, social e da cultura alimentar. Nesse sentido, percebe-se que há necessidade de conscientização em educação alimentar, uso moderado de tecnologias de pesca e caça. São os assuntos de suma importância, porque a cada dia aumenta a situação crítica e fica cada vez mais difícil de ser controlada. É importante que os estudantes, pesquisadores e profissionais indígenas e não-indígenas (apoiadores das causas indígenas) intensifiquem suas pesquisas e estudos desses temas. Quanto mais estudos e discussões dos assuntos a consciência se evolui e facilita desenvolver ações voltadas para soluções.

Da pesca do meu avô à minha pesca

Não sou de muitas gerações depois que os colonizadores chegaram à região dos Baniwa, no rio Içana. O meu avô (Eduardo da Silva) foi um daqueles que, nas histórias, fugia da presença dos brancos, das epidemias de sarampo e das caçadas dos comerciantes espanhóis e portugueses. Segundo a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN); Instituto Socioambiental (ISA,1998, p.64), *"Até os dias de hoje, os Baniwa apontam antigos lugares de moradia atualmente desabitados; muitos dos velhos dizem que ainda chegaram a ver esteios em pé em alguns desses lugares, restos das velhas malocas dos antigos"*. Ele foi justamente do período aqui afirmado pelos pesquisadores. Ele também foi um daqueles que viajavam do rio Içana para Manaus a remo. Apesar de tudo isso, ele foi protagonista da introdução de produtos industrializados à região do alto rio Içana, em especial, acima da foz do rio Ayari. Ele viajava para Manaus levando sua produção como borracha, látex, breus, farinha e voltava com variados produtos industrializados: agulha, anzol, linha de pesca, sabão, sal, roupas e utensílios de cozinha, munições, etc.

Eu não cheguei a vê-lo, mas ouvi muitas histórias dele que minha avó contava, meus tios, meu pai e da minha mãe (ambos já falecidos). Meu pai foi o caçula de três irmãos, por isso, ele viveu poucas histórias que seu pai viveu. Mas os seus irmãos mais velhos (os meus tios) viveram grande parte destas histórias. A fase da juventude dos meus tios foi no período final do auge da borracha. Deles que ouvia as narrativas de trabalhar em seringais e nos piaçabais. Eles contavam como os patrões os tratavam, quanto os patrões os pagavam, o que eles compravam etc. Assim como as narrativas sobre os perigos que corriam nos

seringais e as fugas que realizavam ou tentavam realizar. Ouvi cada história e cada acontecimento desde as viagens que eles faziam até às pescarias e caçarias marcantes para eles. Prestava atenção em cada um desses contos como se alguém dissesse que precisaria deles mais tarde.
O meu pai foi do período em que os comerciantes colombianos viajavam pelo rio Içana para endividar os Baniwa e consequentemente levá-los à Colômbia e Venezuela para trabalhar na exploração de piaçava. *"A procura por escravos pelos portugueses era muito maior do que os Manao poderiam fornecer, ao mesmo tempo que as mercadorias oferecidas em troca eram piores que aquelas que eles conseguiam no rio Branco, de procedência holandesa"* (FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro; Instituto Socioambiental, 1998, p. 75-76). E eu, nasci numa fase de transição, da mudança acelerada de cultura e tradição dos meus ancestrais para uma cultura global. Nasci como se fosse para levar a mensagem da vida cultural e tradicional dos meus ancestrais para a geração da cultura tecnológica, geração do capitalismo, desenvolvimento educacional e da globalização. Vivi parte da vida dos meus ancestrais e estou vivendo a de globalização na qual meus filhos estão sendo criados e com certeza a realidade que viverão no futuro será diferente.

Depois de viver e refletir essa realidade de transformação cultural e tradicional que me dei conta de que todas as histórias e as experiências narradas pelos meus avós, meus tios e meus pais são importantes e valiosas para reflexão sobre a presente realidade e do futuro. Através destas que aprendi sobre as pescarias e caçarias, aprendi a pescar e caçar, fabricar materiais utilizados para pesca e caça, as regras e os ritos, quantidade de peixes que eles pescavam e caçavam em um dia, a relação Baniwa com a natureza e outras aprendizagens.

Assim que aprendi a prestar atenção nas ocorrências na região do rio Içana. Meu tio José foi bom narrador e costumava contar sobre sua pescaria, a quantidade e os tipos de peixes e caças que pescava e caçava em um dia, assim como costumava contar dos colegas e amigos que participavam da pescaria ou caçaria juntos. Segundo o Instituto Socioambiental (2008), *"Diariamente, a maioria dos homens no Alto Rio Negro ou está caçando ou está pescando. E essa rotina começa bem cedo na vida dos Baniwa. [...]"* (https://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2721). Através das narrativas de experiências como essa que fui aprendendo e notando a quantidade de peixes que um pescador matava em um dia de pescaria tradicional, materiais tradicionais de pescas e caças que utilizavam, os rituais e as técnicas e outras informações. Nesse sentido, observei que se compararmos as pescarias narradas pelo meu tio José com a pescaria de quaisquer Baniwa hoje em dia, é possível observar as diferenças de quantidade de peixes pescados e animais caçados em um dia. A seguir, apresento a estimativa de quantidade de peixes pescados em um dia de pesca na modalidade e técnica tradicional (caniço e linha de pesca) na região do médio rio Içana.

No ano de 1989, por exemplo, qualquer pescador conseguia pescar em média de cinco quilos de peixes num período de quatro à seis horas. Já no ano 2000, até esse período, para conseguir a mesma quantidade que se pescava naquelas décadas, o pescador tem que passar mais tempo, utilizar técnicas avançadas e deslocar-se para mais distante possível, para alcançar o local com menor

frequência de pesca ou caça. A seguir, as figuras demonstrativas de média de quilo de peixe pescado por dia em cada década estudada.

Vivendo e participando das pescarias e caçarias, que aprendi com meu pai as técnicas de pescas tradicionais Baniwa, a fabricação de materiais de pesca (arcos e flechas), armadilhas (matapi e cacuri), assim como conhecer plantas utilizadas para pesca como: timbó; piquiá (cariocaráceas); cunabi nativa e cultivada. Aprendi sobre as épocas do ano e níveis dos rios ideais para pescar certos peixes, identificar locais para pesca.

> As técnicas de caça e pesca são ensinadas desde a infância. Os jovens do sexo masculino acompanham seus pais, tios e avôs desde cerca de 7 anos de idade, em contextos progressivamente mais arriscados. As crianças também aprendem entre si, caçando e pescando a curtas distancias da aldeia (OLIVEIRA, 2016, p.217).

Eu fui criado no período em que ainda não havia muitos materiais e produtos industrializados de pesca e caça. Período em que a forma de vida exigia conhecimento e aprendizagem para fabricar e utilizar materiais e técnicas tradicionais. Cronologicamente, essa fase, considerada como período de transição, foi entre os anos oitenta, noventa e dois mil. De lá pra cá muitas coisas mudaram entre os Baniwa, como por exemplo: aumento de relações com os não-indígenas e suas culturas, como; criação de organizações das comunidades em associações comunitárias e de categorias; implantação de escolas de ensino fundamental em todas as comunidades, principalmente, de séries iniciais e do ensino médio em comunidades estratégicas; profissionalização na área de educação (professor, pedagogo etc.), saúde (agente de saúde, técnico de enfermagem, enfermeiro, etc.) e outras áreas. Segundo Milena Estorniolo,

> Desde meados da década de 1980, no entanto, o autor observa o início de uma mudança, que coincide com o ápice de um movimento exitoso no qual os povos passaram a incorporar e dominar aspectos da cultura nacional, que vão da língua

> portuguesa à medicina e às telecomunicações, sem que com isso estejam 'perdendo sua cultura (TURNER, 1993, p.43 apud ESTORNIOLO, 2012, p.15).

Os Baniwa, também, começaram a participar de programas de transferências de rendas do governo federal, estadual e municipal (Bolsa Família, auxílio maternidade, etc.); aposentadoria e pensões no INSS e outros direitos garantidos pelas leis. Isso mostra que o modo de vida dos Baniwa não é mais o mesmo que meus avós, tios e pais viviam.

A pesca contemporânea

São as intensificações das relações interétnicas e de introdução de culturas globais nas aldeias que aceleraram crescimento e circulação de dinheiro nas comunidades. As famílias aumentaram consumo e aquisição de produtos e materiais industrializados e tecnológicos. *"O crescimento das cidades elevou o contingente populacional em regiões próximas das tribos indígenas, provocando uma aproximação forçada entre os índios e a população não indígena* (QUERMES; CARVALHO, 2013, p.769). O que é interessante observar nesse processo de transição cultural é que, dos anos 1970 até em meados dos anos 1990, as famílias adquiriam apenas produtos básicos, como sabão, sal, fósforo, anzol, linha de pesca, pilha, lanterna e outros.

E, a partir da primeira década deste século, quando os Baniwa começaram a entrar em profissões como professor, agente de saúde e as família participando de programas beneficentes e aposentadorias, a aquisição e consumo de produtos e materiais industrializados cresceram consideravelmente incluindo as tecnologias de pesca e caça como: malhadeira (rede de pescar); espingarda (arma de fogo para caça); baterias de seis e doze amperes; holofotes de alta alcance; mascaras de mergulho e diversos outros produtos industrializados. Paulo Afonso de Araújo Quermes e Jucelina Alves de Carvalho (2013, p.769) observam que

> Nas duas últimas décadas houve uma crescente expansão de políticas não contributivas no âmbito da assistência social com os programas de transferência direta de renda, Benefício de Prestação Continuada (BPC) e Programa Bolsa Família (PBF), por exemplo, voltados para aqueles que se encontram fora do mercado de trabalho.

São programas como esses que contribuíram fortemente para crescimento de consumo de produtos e materiais industrializados nas comunidades e as consequências são diversas. Por exemplo, os materiais tecnológicos de pesca, principalmente, a malhadeira, mudou a maneira de pescar, em vez de pescar em igarapés e lagos, o pescador os cercam com malhadeira, puxando a rede de uma margem à outra, limpa as áreas de pesca e de reprodução dos peixes para colocar malhadeira; abre varadouros nas margens de rios, igarapés e lagos para no enchente facilitar colocações de malhadeiras nos igapós; pescar com

arrastões (rede de pescar) nas praias e lagos. Segundo Thiago Lopes da Costa Oliveira (2016, p.218), *"Aqueles que não dispõem de conhecimento especializado [...], recorrem, hoje em dia, a algumas tecnologias alienígenas, como a pesca de arrastão com redes – as chamadas malhadeiras –, ou o mergulho com as máscaras – as chamadas "careta" – munidos de arpão. [...]"*. No começo de uso deste material, os pescadores pecavam bastante peixes, mas conforme avançam e expandem o uso, diminui também a quantidade de pescados. Consequência de devastação das áreas de reprodução dos peixes próximas das aldeias e uso excessivo de malhadeira.

Depois da malhadeira veio a moda de pescar mergulhando nos leitos de rios e igarapés, fachear os peixes mergulhando com a máscara de mergulho a noite. Os pescadores mergulham nos leitos profundos dos rios, dos igarapés, lagos, corredeiras, cachoeiras, locais sagrados de reprodução e em todos os lugares onde acharem haver peixes. *"Estas técnicas, embora sejam eficazes num primeiro momento, não o são, em geral, em um longo prazo. Elas acabam "espantando os peixes" que deixam de passar ou dormir em determinadas partes do rio"* (OLIVEIRA, 2016, p.218). Assim como a malhadeira, os pescadores pescavam muitos peixes, mas o passar do tempo e avanço para áreas reservadas, os pescadores não conseguem mais pescar em quantidades que pescavam antes.

O principal aliado para avançar em áreas remotas é o motor-rabeta. Com o uso deste meio de transporte, os pescadores avançam em áreas distantes de pesca e caça, muitas vezes, reservadas para reprodução dos peixes e caças. Antes eram áreas de menor frequências de pesca e caça, conforme observa, Gersem José dos Santos Luciano (2011, p.199), *"[...]. Os recursos recebidos estão sendo utilizados, sobretudo para aquisição de "motor-rabeta", motor-gerador, antena parabólica e televisão."*. Antigamente as comunidades tinham seus limites tradicionais de pesca e caça reconhecidos pelas comunidades vizinhas. Além dos limites próximos das aldeias, tinham também áreas distantes onde podiam pescar e caçar para eventos maiores, como conferencias religiosas, *podaali* (festa de coleta), assembleias, encontros. Desta forma, as áreas próximas são para pesca e caça diária e as áreas distantes para eventos de grandes mobilizações. Os moradores de cada comunidade respeitavam e seguiam as regras de usos desses limites. *"A territorialidade ocorre quando uma área (território) é defendida contra invasores, seguindo um padrão de comportamento que é reconhecido por outros indivíduos"* (Begon *et al.*, 1996 apud SOBREIRO, 2007, p.78). A seguir, descrevo como exemplos os limites e áreas da comunidade de Tunuí Cachoeira, médio Rio Içana.

Na comunidade de Tunuí Cachoeira, médio rio Içana, antes da intensificação das relações interétnicas e principalmente da chegada maciça de motor-rabeta, os moradores pescavam para consumo do dia a dia nas proximidades da aldeia. Para Rio abaixo até a foz do igarapé do peixe-cachorro, *paraali*, (Acestrorhynchus Iacustris) e para acima até as redondezas do antigo sítio, *wattaanaami* (Seringa Rupitá). Para pesca ao evento de média proposição, chegam a pescar à foz do rio Cuiarí (afluente do rio Içana) e para abaixo até ao sítio *maawada* (Mauá). E pesca para evento de grande proporção, avançam

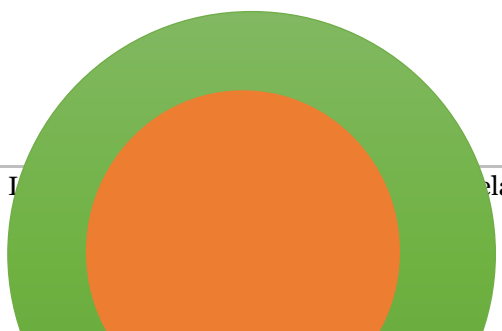
para regiões de outras comunidades, como, por exemplo, para rio Cuiarí até a igarapé, *manetsiali* (afluente do rio Cuiarí) e no Içana chegavam às regiões de lagos, próximos da comunidade de Juivitera. Assim, "essas formas de apropriação do espaço e do recurso são definidas muitas vezes a partir da organização cultural que, por sua vez, estabelece sistemas de relações sociais e ecológicas". (BERKES, 1996 apud SOBREIRO, 2007, p.80).

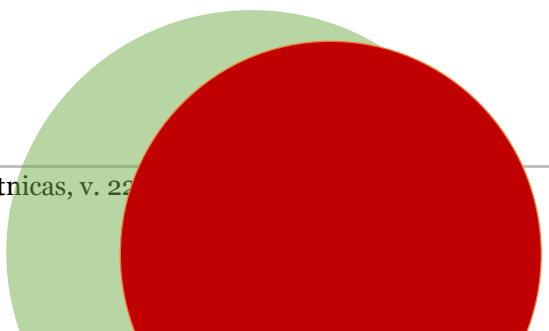
As pescarias que ultrapassarem os limites de outras comunidades, tradicionalmente, são comunicadas com antecedências para que as aldeias próximas daquelas regiões sejam informadas sobre o período em que permanecerão pescando para tal evento. Desta forma, os moradores daquelas aldeias se prontificam para ajudá-los, como por exemplo informar lugares ideais para pesca e caça, situação e condição de lagos e igarapés daquela região, etc. As aldeias tinham organização, comunicação e respeito entre elas e seus habitantes.

Para pesca e caça diária não é necessário informar ninguém, pois deve-se estar no trecho delimitado e reconhecido tradicionalmente como região de pesca daquela comunidade. Mas com a chegada do motor-rabeta, essa organização tradicional de convivência mudou. Os pescadores começaram a avançar fora das áreas tradicionais de pesca e caça da sua comunidade, invadindo áreas que pertencem as outras aldeias. Com isso a pesca com malhadeira e máscara de mergulho também avançam em áreas de outras comunidades. Com esses avanços descontrolados de pesca, caça e intensificação de usos desses materiais, as áreas, onde se pescava para alimentação diária, ficaram ainda mais escassas. Assim como os locais distantes que antes eram reservadas para reprodução e estoques de peixes e caças.

A seguir, as figuras demonstram em cores, tamanho e força, antes e depois dos avanços de pesca e caça, uso do motor-rabeta e devastação das áreas com malhadeira e máscara de mergulho. Na figura 1, a cor vermelha indica as áreas de pesca e caça para subsistência diária antes da introdução do motor-rabeta; a cor laranja representa as áreas de pesca e caça para evento de menor proporção; a cor verde indica áreas de pesca e caça para eventos de maiores proporções e também de áreas reservadas para reprodução. São cores fortes, alegres, tamanhos proporcionais indicando usos controlados e equilibrados das áreas. Essa figura e as cores representam situações das áreas das comunidades antes das intensificações de usos de materiais tecnológicos de pesca e caça e do motor-rabeta.

Na figura 2: a cor rosada indica escassez de peixe e caça, o tamanho é maior que a cor vermelha da figura 1; A cor vermelha representa intensificação da pesca e caça, a mesma área representada pela cor laranja na figura 1, nos tempos anteriores. É uma cor mais forte indicando a intensidade e avanço em direção à cor verde-clara. Já a cor verde-clara está cada vez menor. A cor fraca demonstra escassez em comparação com a cor verde da figura 1, indicando descontrole e diminuição das áreas de reprodução.





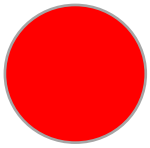


Figura 1: Áreas de pescas e caças antes da aquisição de motor-rabeta

Figura 2: Áreas de pescas e caças depois da aquisição de motor-rabeta

Com a intensificação das relações interétnicas, associada ao processo de globalização, às aquisições de materiais e produtos industrializados de pesca e caça, materiais de transporte como motores de popa, principalmente, motor-rabeta representam o denominado desenvolvimento social, cultural e econômico. Se olharmos a partir deste ângulo (capitalismo), vamos notar que isso é uma realidade, os povos indígenas estão mudando em vários aspectos: de extrema pobreza a pobreza; da cultura "primitiva" à cultura civilizada; da sociedade primitiva à sociedade civilizada e assim por adiante. Segundo Luiza Garnelo e James R. Welch (2009, p. 25 (9) 1872-1873)

> A transição alimentar é inerente aos processos de industrialização e de urbanização que hoje regulam o acesso aos alimentos. Tais eventos assumiram escala planetária, alcançando aqueles cujas vidas situam-se em polos mais distantes da linha principal da globalização, como os povos indígenas.

Esta mudança de realidade não é apenas no quesito de alimentação, mas também em participações e influências nas políticas públicas, políticas partidárias, autonomia política, gestão e governança territorial e outras mudanças, isso ninguém pode negar.

Mas, se esse "crescimento" políticos, sociais, culturais e econômicos dos povos indígenas se forem analisados de outro ângulo (análise crítica), é possível perceber que estão submetendo os povos indígenas à temerosa realidade. A própria sobrevivência corre o risco de tornar mais difícil, pois o caminho que está percorrendo leva de menos difícil para muito difícil. Pois a cultura e a tradição das comunidades indígenas que, atualmente, são essências das coletividades e reciprocidades, caminham irreversivelmente ao separatismo e individualismo: pobre x rico, coletivo x individual, tem x não tem, etc. Os fatos que indicam essa tendência são as crescentes pescas e caçadas descontroladas; distanciamento da tradição de reciprocidade e; forte crescimento da cultura de

comercialização entre as famílias e comunidades. São esses fatos que aceleram a escassez de alimentação de modo geral.

A consequência da escassez de peixe e caça é aumento do consumo de alimentos industrializados. Estes produtos por serem "comprados pelo dinheiro", as famílias que os compram não compartilham entre si como faziam com os peixes e caças antes das influências capitalistas. E o crescimento de consumo de produtos industrializados também traz outras preocupações, por exemplo, doenças desconhecidas, de difíceis tratamentos, etc. *"Os agrotóxicos das empresas multinacionais matam mais do que os condenados e indesejáveis conflitos originados por disputas de terras ou invasão de terras indígenas"* (VENERE, 2005 apud QUERMES; CARVALHO, 2013, p.773). Essa afirmação mostra que os produtos industrializados, pelos quais os povos indígenas trocam seus alimentos naturais, são perigosos e causam mortes. Entre os indígenas essas mortes não são registradas como consequências de consumo de produtos industrializados, mas, como câncer, diabete, verminose, etc. Por isso, é difícil convencer os consumidores para acreditarem que as mortes são consequências de consumo de alimentos com agrotóxicos.

Você deve estar se perguntando, mas o que cada questão tem a ver com a pesca e caça? Deve ser difícil para quem não vive ou conhece essa realidade. Na busca de melhorar esse entendimento, vou usar aqui como exemplo, a minha própria família. Meu pai não tinha salário e nem aposentadoria pelo INSS. Vivia de seus próprios esforços, produzindo artesanatos, trabalhando na agricultura, pescando e caçando. Como ele não tinha dinheiro para adquirir materiais de pesca e caça de alta tecnologia, ele comparava apenas os básicos: materiais de pesca e caça tradicionais ou industrializados de poucos impactos, como: linha de pesca, anzol, zagaia, arco e flecha, cacuri, matapi etc. *"As técnicas de caça e pesca empregadas tradicionalmente na região – a caça com arcos, flechas e zarabatanas; a pesca com anzóis e armadilhas – são, no geral, consideradas não intrusivas. Ou seja, elas não modificariam, segundo os índios, o comportamento dos animais"* (OLIVEIRA, 2016, p.219). Meu pai não tinha motor de popa para ir pescar em lugares distantes da comunidade, pescava em lugares próximos. Essa situação impôs a ele a obrigação de cuidar e respeitar os locais de pesca, de piracema (reprodução de peixes), etc. Dizia que se não fizesse isso não teria aonde pescar no próximo ano, ou melhor, não teria mais peixes naquelas localidades.

Essa condição de vida, fazia dos comunitários em reuniões matinais, a conversarem frequentemente sobre os locais de pesca, das maneiras e técnicas de pesca e caça. É como se alguém os reunisse para conversar sobre aqueles assuntos. Então, a forma como meu pai pensava sobre os peixes, a pesca e as localidades não era apenas dele, eram opiniões de todos os parentes que moravam na comunidade.

Todos eles nas mesmas condições financeiras, por isso, não haviam ninguém que tivesse materiais de pesca e caça avançados. Algumas pessoas tinham espingarda (arma de caça), mas o uso era controlado. Por exemplo, quando aves migratórias (carará) pernoitavam próximo da aldeia, eles combinavam para todos os interessados irem a caçar durante a noite e aqueles que tem arma de fogo para atirarem depois de amanhecer, poucas horas antes das aves seguirem

com suas migrações. Essa combinação era necessária porque sabiam que se atirassem durante a noite as aves fugiriam e os que caçariam com zarabatana não conseguiriam caçar. Os atiradores também não conseguiriam matar mais que duas aves, por causa do barulho que espantaria as aves. Assim também eles combinavam quando encontravam animais de caça, como queixadas, macacos e outros animais. Segundo Thiago Lopes da Costa Oliveira (2016, p.218),

> As flechas de zarabatana são um algoz silencioso, capaz de abater mais de meia dúzia de macacos sem que o bando se dê conta exatamente do que está ocorrendo. O mesmo não se passa com a ruidosa espingarda, que provoca a fuga desesperada dos animais ao ressoar da primeira explosão de pólvora.

Por isso, a preferência é caçar pelas zarabatanas, arco e flecha. A espingarda é apenas quando os animais se afastarem. Esses são tipos de consequências de desenvolvimento social, cultural e econômico que não são vistas pelo capitalismo.

Conclusão

A pesca e a caça são atividades importantes e indispensáveis para subsistências dos povos nativos do rio Içana, perdem apenas para agricultura. Para efetividade destas atividades é necessário que a terra seja completa e suficiente: área para construção de casa e formação de aldeia; área para fazer roça, pescar e caçar; área para retirada de madeiras, palmeiras, cipós e outras áreas importantes para aproveitamento em construções, atividades econômicas, agrícolas e atividades de pesca e caça. Segundo Thaissa Sobreiro (2007, p.7)

> [...]. Esta modalidade é a mais tradicional da Amazônia e sua importância foi revelada pelos textos dos primeiros viajantes e naturalistas (Wallace, 1853; Bates, 1863; Veríssimo, 1895). Os indígenas consumiam principalmente peixe fresco, mas conservavam o pescado defumado ("muquiado") ou sob forma de farinha (Soares & Junk, 2000). Até hoje a pesca de subsistência é praticada ao longo dos rios amazônicos [...] (Bayley & Petrere, 1989, Barthem *et al.* 1997), [...].

A sobrevivência nas aldeias depende da integridade de todas estas áreas, com produtividades suficientes e satisfatórias. Para isso é importante que a preservação seja contínua e permanente. *"Resguardar a conservação dessa biodiversidade conflui com a sobrevivência dos povos tradicionais enquanto tais. Sem a seguridade do território comprometem-se suas tradições, fragilizando sua afirmação enquanto povos tradicionais"* (LITTLE, 2002 apud COSTA; SILVA, 2017, p.4). Desiquilíbrio de qualquer uma destas atividades ou áreas, pode causar instabilidade social, cultural e ambiental das comunidades.

Os sinais de desiquilíbrio nas áreas de pesca e caça são reais e perceptíveis, consequências de atividades descontroladas. Se estas práticas continuarem das formas que estão hoje, a tendência é agravar a escassez mesmo com conscientização das comunidades. Essa hipótese é provável porque a tendência de consumo de produtos industrializados nas comunidades é aumentar cada vez mais em decorrência da escassez de peixe e caça. Em outras palavras, as atividades descontroladas de pesca e caça ocasionam a escassez peixes e caças que por sua vez estimula a procura pela alimentação industrializada.

O aumento de consumo de alimentação industrializada também é estimulado pela facilidade de aquisição em estabelecimentos comerciais: mercado, supermercado, feiras. Isso é ruim? Não. O que preocupa é o descontrole de consumo destes produtos, pois além de dependência alimentar cada vez mais forte, acarreta problemas de saúde. Por exemplo, consumo descontrolado de açúcar pode causar diabetes, cáries, hipertensão e outras doenças desconhecidas de indígenas, portanto, sem medicamentos tradicionais para tratamento.

As comunidades consumem esses alimentos do mesmo modo que se alimentam dos seus alimentos tradicionais. Não dão conta que esses produtos têm composições químicas que podem causar problemas para saúde se consumidos acima da recomendação. Diferente de alimentos tradicionais que são naturais, não possuem químicas complementares. Por isso, mesmo consumidos em grande quantidade não colocam o risco à saúde. Além disso, ainda não têm tradição de consultar os rótulos para se informar de dados nutricionais, validades e qualidades dos produtos. Nesse sentido, colocam em risco a saúde por consumirem alimentos com teor alto de agrotóxicos nos alimentos industrializados.

A escassez de alimento estimula comercialização nas comunidades. Essa prática não era comum há poucas décadas, principalmente, entre os Baniwa. Comercialização ocasiona mudanças na cultura e identidade do povo. Os Baniwa têm tradição milenar de compartilha de alimentos entre os familiares e parentes da comunidade. Uma prática comum até em meado dos anos noventa, quando começou a intensificação da cultura capitalista. Quando um membro de uma comunidade caçava uma caça grande ou pescava peixes mais que necessário para consumo familiar, compartilhava com os parentes da aldeia, ou reunia-os em salão comunitário para se desjejuarem conjuntos. Atualmente, poucas comunidades praticam essa tradição. A maioria está passando adotar a cultura de comercialização de alimentos (BANIWA, 2014).

Essas ocorrências, como escassez de alimentos, aumento do consumo de gêneros alimentícios industrializados, de uso de materiais tecnológicos de pesca e caça, assim como assimilação de cultura mercantil resultam também no abandono de técnicas, fabricação de materiais, rituais e métodos tradicionais de pesca e caça. O abandono da tradicionalidade contribui para crescimento de descontrole de pesca e caça. Por isso é importante promover as discussões, estudos e ações para minimizar estas ocorrências nas comunidades.

A necessidade de estudos mais aprofundados sobre as dinâmicas territoriais, produtivas e alimentares

> das comunidades indígenas vem apresentando maior destaque na sociedade contemporânea, considerando-se que este público vem sofrendo grandes influências externas, que impactam negativamente e ocasionam mudanças em seu contexto histórico e social (COPELLI e KOIFMAN, 2001 apud COSTA; SILVA, 2017, p.3).

As iniciativas que visarem o bem-estar social, ambiental, cultural e econômica das comunidades são importantes. Não basta apenas manejo das áreas de pesca e caça, é necessária também a conscientização para uso seletivo de materiais industrializados, não destruição das áreas de reprodução, habitats de peixe-mãe ou caça-mãe, assim como conscientização para consumo controlado de produtos alimentícios industrializados, a educação alimentar.

É importante trabalhar a questão de educação alimentar nas comunidades Baniwa, pois a introdução e consumo de gêneros alimentícios industrializados são inevitáveis e crescentes. Propor redução de consumo ou introdução seria pouco aceitável pelos comunitários, o que é recomendável trabalhar é a educação alimentar, conscientização sobre alimentos industrializados e as consequências para saúde quando consumidos exageradamente. Estas são as sugestões que podem contribuir com a desaceleração de escassez de alimentação na região, controle de consumo de alimentos industrializados, resgate e valorização de conhecimentos, técnicas e métodos tradicionais e manejo das áreas de pesca e caça.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Franklin. Desenvolvimento sustentável e autonomia política social e econômica do Povo Baniwa, Brasil. In: Community-based Conservation in Latin America: innovations in research and practice / Conference Proceedings. (6 a 9 de November 2014, p. 84-88, Xico, Veracruz, Mexico). Disponível em <https://www.global-diversity.org/proceedings-combioserve-conference-memorias-congreso-combioserve/>, acessado 30 de agosto de 2018.

BENTES, Sunny Petiza Cordeiro. Etnoentomologia Baniwa: estudo dos insetos na concepção dos povos Baniwa que vivem na cidade de São Gabriel da Cachoeira - Amazonas, Brasil / Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Entomologia do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA. Manaus, Amazonas, 2011.

COHN, Clarice. Culturas em transformação: os índios e a civilização. São Paulo em perspectiva, 15(2) 2001. Disponível em < http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8575.pdf>, acessado em 21 de julho de 2018.

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. Alimentação nas escolas indígenas: desafios para incorporar práticas e saberes / [texto] Carolina Bellinger, Lúcia M.

M. de Andrade. São Paulo, 2016. Disponível em <http://www.cpisp.org.br/pdf/AlimentacaoNasEscolasIndigenas.pdf>, acessado em 21 de julho de 2018.

COSTA, Richelly de Nazaré Lima da; SILVA, Luis Mauro Santos. "Soberania alimentar e povos indígenas: a questão territorial e a insegurança alimentar e nutricional". VIII Joranada de Políticas públicas / Universidade Federal do Maranhão, 2017. Disponível em < http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo12/soberaniaalimentarepovosindigenasaquestaoterritorialeainsegurancaalimentarenutricional.pdf >, acessado em 21/07/2018.

ELOY, Ludivine; LASMAR, Cristiane. Urbanização e transformação dos sistemas indígenas de manejo de recursos naturais: o caso do alto rio Negro (Brasil). Publicado em Acta Amazônica, vol. 41, 2011. Disponível em <http://www.sci-elo.br/pdf/aa/v41n1/a11v41n1.pdf>. Acessado em 23 de janeiro de 2018.

ESTORNIOLO, Milena. Laboratório na floresta: os baniwa, os peixes e a piscicultura no alto Rio Negro/Dissertação apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2012. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde.../2012_MilenaEstorniolo_VCorr.pdf>, acessado no dia 24 de julho de 2018.

Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN; Instituto Socioambiental - ISA (1998). Povos Indígenas do alto e médio rio Negro: uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia brasileira / Aloísio Cabalzar, Carlos Alberto Ricardo editores. - São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM.

GARNELO Luiza; WELCH, James R. Transição alimentar e diversidade cultural: desafios à política de saúde indígena no Brasil. Editorial in: Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 25(9):1872-1873, set, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/csp/v25n9/01.pdf>, acessado em 24 de julho de 2018.

Instituto Socioambiental (2008). Baniwa debatem as informações que vêm obtendo com o monitoramento de pescarias e sugerem medidas para compor um acordo de sustentabilidade da pesca nessa região do noroeste amazônico. Disponível em <https://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=2721>, acessado no dia 24 de julho de 2018.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola ideal e a escola real: Os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro / Tese apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, 2011. Disponível em <http://www.dan.unb.br/images/doc/Tese_103.pdf>, acessado no dia 20 de agosto de 2018.

OLIVEIRA, Thiago Lopes da Costa. Interfaces Híbridas: Armas e armadilhas de caça e pesca no alto Rio Negro. In: Iluminuras, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 214-247, ago/dez, 2016. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/viewFile/69985/39427>, acessado em 24 de julho de 2018.

QUERMES, Paulo Afonso de Araújo; CARVALHO, Jucelina Alves de. Os impactos dos benefícios assistenciais para os povos indígenas Estudo de Caso em Aldeias Guaranis. In: Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 116, p. 769-791, out./dez. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n116/10.pdf >, acessado no dia 24 de julho de 2018.

KATZ, Esther; ROBERT, Pascale de; VELTHEM, Lucia Van. et al. La valorización del patrimonio culinario amazónico atrevés de las indicaciones geográficas. In: Identidades en el plato: El patrimonio cultural alimentario entre Europa y América. Barcelona. Icaria Editorial, 1ª ed. noviembre, 2008. pp.97-115. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=BtLWvIxCF0MC&pg=PA98&lpg=PA98&dq=La+yuca,+de+la+cual+existem+numerosos+variedades,+es+el+ejemplo+m%C3%A1s+conocidos+de+las+plantas+domesticadas+em+Amaz%C3%B4nia%E2%80%9D&source=bl&ots=93C4Sz9SzU&sig=zo6ec5bUHZ6ISZdHYvCEpRNTawA&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwizoM3xoYrfAhVLF5AKHcGlAAYQ6AEwCXoECAgQAQ#v=onepage&q=La%20yuca%2C%20de%20la%20cual%20existem%20numerosos%20variedades%2C%20es%20el%20ejemplo%20m%C3%A1s%20conocidos%20de%20las%20plantas%20domesticadas%20em%20Amaz%C3%B4nia%E2%80%9D&f=false>. Acessado em 06/12/18.

ROBERT, Pascale de; KATZ, Esther. 2010. Usos Alimentarios de palmeras: un estúdio comparativo en Amazonía brasileña, In: POCHETTINO, María Lelia et al. (Editores). Tradiciones y Transformaciones en Etnobotánica. San Salvador de Jujuy (Argentina): CYTED, 2010. pp 370-375. Disponível em: <http://www.academia.edu/1166555/De_Robert_Pascale_Katz_Esther_2010_Usos_alimentarios_de_palmeras._Un_estudio_comparativo_en_Amazon%C3%ADa_brasile%C3%B1a_._In_Pochettino_M._L._Ladio_A._H._Arenas_P._M._ed._._Tradiciones_y_Transformaciones_en_Etnobot%C3%A1nica_Traditions_and_Transformations_in_Ethnobotany_V_Congreso_Internacional_de_Etnobot%C3%A1nica_ICEB_2009_._San_Salvador_de_Jujuy_Argentina_Ed._CYTED._pp._363-368>. Acessado em 06 de dez. 2018.

SOBREIRO, Thaissa. Territórios e Conflitos nas Pescarias do Médio Rio Negro (Barcelos, Amazonas, Brasil) / Dissertação Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – INPA; Universidade Federal Do Amazonas – UFAM, 2007. Disponível em <file:///C:/Users/franklin/Documents/frank/doutorado/congressos/congresso%20de%20etnobiology%202018/Dissertacao_Thaissa_Sobreiro.pdf>, acessado em 20 de agosto de 2018.